

**PÉROLAS RECOLHIDAS
DE GREGÓRIO DE MATTOS E GUERRA³⁶**

Ruy Magalhães de Araujo
ruymar1@gmail.com

Os dados biográficos de Gregório de Mattos, Boca do Inferno, como lhe denominavam, apresentam-se assinalados por opiniões diversificadas de inúmeros autores, embora as pesquisas de Fernando da Rocha Peres estejam mais condizentes com a veracidade histórica.

A nós nos parecem coerentes, todavia, os seguintes fatos: Gregório de Mattos e Guerra pertencia a uma família abastada e nasceu na Cidade da Bahia aos 20 de dezembro de 1636. Seu pai chamava-se Gregório de Mattos; sua mãe, dona Maria da Guerra.

Cursou as primeiras letras na cidade que lhe deu berço, doutorando-se em *utroque jure* pela Universidade de Coimbra. Em Lisboa, casou-se em primeiras núpcias com dona Micaela de Andrade, que não lhe dera filhos. Lá exerceu os cargos de juiz do crime e de juiz de órfãos e ausentes.

De regresso ao Brasil, casou-se em segundas núpcias com dona Maria dos Povos, com quem teve dois filhos: Gonçalo e um que morreu ainda pequenino. Desempenhou as funções de tesoureiro-mor da Sé e vigário-geral, além de usar a murça de cônego, no Arcebispado de Salvador (BA). Mais tarde, retomou a carreira de advogado.

Foi notável poeta polêmico e figura exponencial de nosso Barroco literário, tendo sido apontado por T. A. Araripe Jr. como o “mais brasileiro dos poetas”. Pelo crime de suas poesias, sofreu o degredo de Angola. Retornando ao Brasil, morreu pobre e esquecido na cidade do Recife (PE), no mesmo dia em que se conhecia a notícia da morte de Zumbi dos Palmares, provavelmente a 14 de março de 1696.

Quanto à sua fortuna crítica, Gregório de Mattos possui expressivo número de autores, tanto os que o elogiam e também os que

³⁶ Breve fala apresentada na sessão de autógrafos da edição refundida e comentada do livro homônimo, publicado pelas Edições Galo Branco. Rio de Janeiro, 2009, com 292 páginas, na Jornada de Ecdótica, no dia 5/2/2010, na Faculdade de Formação de Professores.

lhe assacam ferinas críticas, quanto os que adotam um posicionamento eclético, isto é, voltados unicamente para a pesquisa.

Com a publicação do livro Pérolas Recolhidas de Gregório de Mattos e Guerra, nosso intuito é contribuir para a ecdótica das poesias a ele atribuídas.

Direcionamos nossos trabalhos para os modernos postulados da Crítica Textual. Enfatizamos, sobretudo, a seleção dos poemas denominados satíricos, maldizentes, fesceninos, encomiásticos, sacros e líricos.

Nos poemas satíricos e maldizentes, o poeta, à guisa de um jornal, registrava e denunciava os escândalos, miúdos e graúdos da época: os desmandos dos reinóis, a deterioração do caráter nacional, a corrupção ativa e passiva dos governantes, o comprometimento da justiça; açoitou os prelados pervertidos pela simonia, pela sodomia, pela galanteria, pela subserviência aos ricos e poderosos; censurou a violência e os abusos cometidos pelos militares e civis no exercício de suas funções; atacou, reprovou e condenou a ganância dos portugueses (a quem chamava de “maganos” e “unhates”), que aqui chegavam muitas vezes maltrapilhos e quase famintos e, não raro, regressavam à terra natal endinheirados e possuindo até mesmo navios; criticou a hipocrisia dos falsos pregadores de regras morais, a fanfaronice dos covardes, a pretensão, a audácia, a pose e a debilidade de caráter dos mulatos; não poupou a pseudonobreza de certas famílias, o capadocismo político de determinados governadores; lançou, enfim, verrinas contra a “Canalha Infernal”, indesejável à pátria brasileira.

Aqui se denunciavam as várias línguas de “O Boca do Inferno.”

Nos poemas fesceninos, manifesta-se o poeta obsceno e erótico. Dirigia-se a exaltar a sensualidade das suas musas de ébano que lhe inspiraram o famoso “hinário crioulo”, mormente as amantes que conquistou no Recôncavo Baiano. Citam-se como exemplos: a Bartola, a Brites, a Joana Gafeira, a Filena, a Custódia, a Francisca, que o encantaram até à volúpia. Mostrou igualmente os porões do sensualismo e da concupiscência do clero, dos governantes e de alguns setores da sociedade da época. Nesse gênero de poesia, alguns vocábu-

los e expressões talvez causem certo mal-estar de leitura a determinadas pessoas, tomadas possivelmente de sentimentos pudicos, recatados ou castos. Não tivemos intenção, entretanto, de fazer apologia ou incentivar a prática do que contém esses mesmos registros, mas, apenas, mostrar a fidelidade dos apógrafos, em função da própria clareza textual.

Nos poemas encomiásticos, fez a louvação de pouquíssimas pessoas e soube dosar elogios, só os fazendo àquelas que de fato os mereciam, como foi o caso de dom João de Alencastro ou (dom João de Lencastre), governador e capitão geral do Brasil, de 1694 a 1702.

Nos poemas sacros, foi o pecador arrependido, recongraçado com o Criador. Conversava com Deus, implorando-lhe perdão. Considerava um bem supremo a benevolência de Cristo, pois sabia que todo o pecado seria perdoado, desde que houvesse pesar e contrição pelo mal cometido.

Nos poemas líricos, a mulher surgia-lhe não com aquele amor ligado aos prazeres sensuais, peculiar às amantes que exaltou em seu “hinário crioulo”. Agora, a amada revestia-se daquela aura imaculada que faz lembrar o amor platônico, isto é, onde a posse física deprime e enfeia o sentimento de amor. Tomemos para exemplo: Ângela, de raríssima formosura; Catarina, a quem dedilhou ternamente as cordas da lira; Custódia, ainda sua parenta. Esse lirismo também foi dedicado a outras musas: Maria dos Povos, sua futura esposa, e Floralva constituem nomes bem marcantes.

Vocabulário atípico, o poeta lançou mão de plurifacetado número de palavras e expressões, incluindo-se latinismos, helenismos, espanholismos, tupinismos, afora neologismos por ele mesmo criados. Garimpamos cerca 1.050 registros.